

# DF. Planaltina

# UMA VELHA SENHORA

19 AGO 1998

DF. Planaltina  
001  
Reportagem 0246

Newton Araújo Jr.  
Da equipe do Correio

**F**oi o destino que levou do na Santina para Planaltina. "Estou certa disso. E quando o destino diz, a gente segue", filosofa a mulher de 71 anos, lembrando quando saiu de Formosa, depois da morte do marido, em busca de estudos para os filhos.

Enquanto tece a trama de um tapete rústico, no Centro de Convivência de Idosos de Planaltina, dona Santina e outros guardiões da memória da cidade que hoje completa 139 anos passam em revista as marcas que o tempo deixou. Neles mesmos e na cidade.

Com uma programação de aniversário iniciada em 1º de agosto e com término previsto para 13 de setembro, Planaltina convive com duas realidades aparentemente contraditórias e irreconciliáveis.

É a cidade mais antiga do Distrito Federal, com casarões de aparência colonial, folguedos folclóricos tradicionais, trânsito até ordenado e charretes puxadas por cavalos. Mas é também uma cidade engolida pela modernidade desordenada de 69 condomínios irregu-

lares, sem quase nenhuma infraestrutura e espetados por antenas de televisão.

Os reflexos dessa mistura podem ser detectados na fala mansa e alegre do povo que vive no Setor Tradicional. São pessoas que ainda têm prazer em sentar na porta da calçada, mas temem o avanço da violência urbana sobre a vidinha antes pacata.

Como dona Georgina Diogo de Oliveira, 83 anos, que vive há 24 anos na cidade e só pretende sair de lá quando morrer. "Mas não quero morrer tão cedo. Não sei o que tem do outro lado. Quem quer?", pergunta, enquanto reflete sobre o bem e o mal, sentada num banquinho de pedra em frente à sua casa.

O sol forte da manhã lhe seca os cabelos recém-lavados. "Antes era uma calmaria só. Agora, o tempo inteiro passa carro. Um atrás do outro. Parece até casamento ou enterro", ri, divertindo-se com a própria piada. Da sua casa, na praça Salviano Monteiro, dá para avisar o Museu Histórico e Artístico da cidade.

No museu, estudantes em trabalhos escolares arrastam os pés sobre as tábua coroídas do casarão secular. É um dos poucos que ainda restam intactos e relativamente bem conservados na cidade. Pelas contas de Preto Resende, diretor de Cultura de Planaltina, o ano passado eram 135 os casarões remanescentes. Foram tombados literalmente: ruíram e foram ao chão mais da metade. Restam só 65 em pé.

Também não resta muito da qualidade de vida que havia no lugar. Os condomínios irregulares, frutos do loteamento de fazendas e chácaras, "trouxeram o desemprego, a diminuição do nível de renda e, em consequência, a violência e os assaltos", lamenta o administrador regional Sinval Melo.

Sem empregos e perspectivas, a juventude se entrega ao vício da merla (pasta de cocaína) e a pequenos furtos para manter a dependência química. "A garotada chega em casa de tênis novo, relógio novo e a família não fala nada", confirma o major João Borges, comandante da 8ª Companhia de Polícia Militar, sediada em Planaltina. A solução preconizada pelo major — "chibata no lombo da garotada" — não garante eficácia para resolver o problema. Número de postos de gasolina: 65 em todo o Distrito Federal, mais cinco sendo concluídos



A charrete percorre as ruas da cidade, como se o mundo continuasse como há 139 anos. Mas Planaltina mudou

## A CIDADE EM NÚMEROS

Área - 1.534,69 km quadrados
População - Cerca de 135 mil habitantes
Condomínios Irregulares - 69
Condomínio regularizado - 01
Creches - 04
Comércio - 855
Indústria - 36
Escolas - 26 urbanas, 40 rurais, 1 Caic, 10 particulares
Hospitais - 1 (Hospital Regional de Planaltina)
Telefones - 6.552 linhas em serviço, 140 orelhões, 06 semipúblicos
Delegacias - 01
Parques Ecológicos - 01 (Estação Ecológica de Águas Emendadas) Preço de uma bomba de gasolina: R\$ 15 mil

## Lembranças de um tropeiro

Até hoje, seu João Machado Neto, 83 anos, não perdoa um administrador anterior por ter modificado a praça central. "Antes isso aqui tinha uma rua que passava bem no meio dessa praça. Agora é tudo uma praça só. Ele matou a entrada da cidade", reclama o homem.

Ex-tropeiro, seu João ainda lembra quando por ali passavam as tropas de burros e os carros de bois. Época que marcou o início da cidade, construída no entroncamento das trilhas que iam se emaranhando pelo interiorão do país.

"Antigamente, a gente podia dormir aqui nessa praça. Era tranquilo. Hoje, nem pensar", diz, enfático, o antigo tropeiro. As lembranças da cidade sempre guardam esse tom nostálgico.

"Tinha bicho solto na rua, o córrego passava na porta do quintal de casa, e havia comidas como sarapatel, beiju e guariroba", lembra seu Fortunato Sousa Corrêa, 71 anos. "E de noite era na luz de lamparina. Depois é que a Novacap pôs três motores da Mercedes para trazer luz pra cá. Até assustava a gente, não acostumada com a novidade", lembra, divertido.

Na sua cabeça, passam os personagens que a morte levou. Ele foi ficando, com seu velho Chevrolet, fazendo mudanças e trazendo os novos moradores. "Uma vez, amarraram os presos no pé de jenipapo aqui da praça. A cadeia, de tão antiga, caiu. Era tudo ladrão de galinha", conta. Cenas que o tempo levou. (NAJ)